



UFSM

Monografia de Especialização

**A GESTÃO ESCOLAR E A QUESTÃO DO PRAZER:
UM ESTUDO DE CASO NO COTIDIANO ESCOLAR**

Melissa de Paula Leiria

CEGE

Santa Maria, RS, Brasil

2004

**A GESTÃO ESCOLAR E A QUESTÃO DO PRAZER:
UM ESTUDO DE CASO NO COTIDIANO ESCOLAR**

por

Melissa de Paula Leiria

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação – área Gestão Educacional do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Gestão Educacional.**

CEGE

Santa Maria, RS, Brasil

2004

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Gestão Educaional

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de Especialização

**A GESTÃO ESCOLAR E A QUESTÃO DO PRAZER:
UM ESTUDO DE CASO NO COTIDIANO ESCOLAR**

elaborada por
Melissa de Paula Leiria

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profª Drª Valeska Fortes de Oliveira
(Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Celso Ilgo Henz

Profª Ms. Lorena P. Marquezan

Santa Maria, 22 de novembro de 2004

A Escola

Escola é...

**o lugar onde se faz amigos,
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...**

**Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.**

**O diretor é gente,
o coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.**

**E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um**

se comporte como colega, amigo, irmão.

Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.

**Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém,**

**nada de ser como tijolo que forma uma parede,
indiferente, frio, só.**

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

**é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se “amarrar nela”!**

Ora, é lógico...

numa escola assim vai ser fácil

estudar, trabalhar, crescer,

fazer amigos, educar-se,

ser feliz.

Paulo Freire

Dedico este trabalho ao meu filho, que mesmo na imensidão do seu mundo infantil inconsciente soube entender minhas ausências, sem fazer cobranças. A ele, que é minha razão principal de luta para ser uma boa mãe, profissional e educadora, agente de transformação dessa sociedade injusta em que vivemos.

A minha mãe, meu exemplo de mulher, mãe e educadora, comprometida com suas funções de forma doce e compreensiva, pelas noites sem dormir, produzindo juntas, pelos momentos, que mesmo cansada, atendeu nosso menininho para que eu pudesse estudar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer à Escola Edson Figueiredo que me abriu suas portas, para que eu pudesse utilizá-la como espaço de exercício pedagógico, bem como para universo de pesquisa, sem medos ou restrições do que eu pudesse observar ou concluir da realidade que me fosse mostrada. A todos vocês, membros da escola, das funcionárias ao diretor, meu muito obrigado. Mas, especialmente, às Professoras Luciane Bichueti, Lourdes Helena dos Passos, Mônica Knapp, Ivete Javorsky, Rosane Sbeghen, Iáskara Maria Basso, pela imensa contribuição. Gostaria de agradecer em especial a outra professora e amiga Jussara Mainardi, que me ajudou tanto tecnicamente quanto na troca de experiências.

A minha família, meu pai, meus irmãos, minha cunhada e, especialmente, minha mãe que sempre me apoiou, trazendo uma palavra amiga na hora do cansaço, uma ajudinha técnica ou um colo para que eu me recuperasse.

As minhas colegas do curso de Gestão que, no dia-a-dia da sala de aula ou nas conversas pelo telefone, me proporcionaram ricas reflexões, contribuindo, assim, para o meu crescimento pessoal e profissional. Em especial as minhas antes colegas e hoje amigas Sandra Frandalozo e Gislaine Andrades pela amizade incondicional.

Aos professores do curso de Gestão que em várias discussões me fizeram ver que a nova gestão da escola já não é um sonho tão distante, e que é acreditando na educação que encontraremos uma saída para a transformação da realidade que nos foi imposta. Em especial a minha querida orientadora Prof^a. Dr^a. Valeska Fortes de Oliveira, por acreditar no meu potencial e abrir uma brecha na sua agenda lotada para caminhar comigo.

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
INTRODUÇÃO	1
1 O QUE É PRAZER?	6
2 A ESCOLA	12
3 O PROFISSIONAL PROFESSOR FRENTE À QUESTÃO DO PRAZER	21
4 A NOVA GESTÃO DA ESCOLA E A QUESTÃO DO PRAZER	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	42

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A -	Questionário para professores – Grupo 1	43
ANEXO B -	Questionário para professores da equipe de gestão – Grupo 2	44

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A GESTÃO ESCOLAR E A QUESTÃO DO PRAZER: UM ESTUDO DE CASO NO COTIDIANO ESCOLAR

AUTORA: MELISSA DE PAULA LEIRIA
ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. VALESKA FORTES DE OLIVEIRA
Santa Maria, 22 de novembro de 2004.

O presente trabalho busca apresentar a pesquisa realizada na escola Estadual de Ensino Fundamental Edson Figueiredo, referente à nova gestão escolar e à questão do prazer. A problemática da pesquisa consistiu em saber se, atualmente, a Escola citada está buscando construir um ambiente prazeroso para seus professores. Para a realização desse estudo, que se caracteriza por ser uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo estudo de caso, tracei alguns objetivos: - Identificar os conceitos dos professores sobre a questão do prazer em nível de emoção; - Descobrir qual a importância dessa emoção na sua prática educativa; - Observar se a escola oferece um ambiente prazeroso para seus professores e o que a equipe de gestão da escola está fazendo em relação a essa questão, - Identificar se os professores encontram prazer em estar na escola, bem como em todas as suas práticas educativas. Neste trabalho, procurei abordar o prazer como um aspecto de extrema importância para a educação, valorizando, assim, as características especificamente humanas, ultrapassando a rude concepção do homem como um ser concreto e vazio. Participaram da pesquisa algumas professoras da equipe de gestão da escola, e mais quatro professores dos quatro "ciclos" do Ensino Fundamental (educação infantil, séries iniciais, séries finais, e classe especial) Estes foram denominados com letras de A a G, conforme detalhado no capítulo 3. Os resultados apontados por este estudo demonstram que a Escola Edson Figueiredo encontra-se em processo de construção da gestão democrática, sendo que estes estão atentos a questões referentes à formação dos professores, bem como o ambiente escolar, dentro de uma perspectiva que valorize as emoções, bem como a alegria e o bem estar do professor.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A GESTÃO ESCOLAR E A QUESTÃO DO PRAZER: UM ESTUDO DE CASO NO COTIDIANO ESCOLAR

(SCHOOL ADMINISTRATION AND THE PLEASURE SUBJECT:
A CASE STUDY IN THE DAILY SCHOOL)

AUTHOR: MELISSA DE PAULA LEIRIA

ADVISOR: PROF^a. DR^a. VALESKA FORTES DE OLIVEIRA

Santa Maria, 22 de novembro de 2004

The present work search to present the research accomplished at the State school of Fundamental Teaching Edson Figueiredo, regarding the new school administration and the pleasure subject. The problem of the research consisted of knowing, nowadays, if the mentioned School is looking for to build a pleased atmosphere for her teachers. For the accomplishment of that study, that it is characterized by being a research of qualitative stamp of the type case study, I traced some objectives: - To Identify the teachers' concepts on the subject of the pleasure in emotion level; - To discover which is the importance of that emotion in their educational practice; - To observe if the school offers a pleased atmosphere for her teachers and what the team of administration of the school is doing in relation to that subject, - To Identify if the teachers finds pleasure in being at the school, as well as in all their educational practices. In this work, I tried to approach the pleasure as an aspect of extreme importance for the education, valuing, like this, the characteristics specifically human, surpassing the man's rude conception as being concrete and empty. Some teachers of the team of administration of the school, and more four teachers of the four "cycles" of the Fundamental Teaching (infantile education, initial series, final series, and special class) participated of the research. These were denominated with letters of A G, as detailed in the chapter 3. The pointed results for this study demonstrate that the Edson Figueiredo School is in process of construction of a democratic administration, and these are attentive to referring subjects to the teachers' formation, as well as the school atmosphere, inside of a perspective that values the emotions, as well as the happiness and the well-being of the teacher.

INTRODUÇÃO

Sou Pedagoga, habilitada para o Ensino de Educação Infantil e Magistério das Matérias Pedagógicas, sou egressa desta Universidade. Durante o período de meu curso de graduação, bem como no restante da minha caminhada acadêmica, pude observar algumas escolas da rede estadual, municipal e particular da região de Santa Maria. Nessas, pude constatar que as questões relacionadas às emoções, bem como a humanização, encontram-se muito precárias dentro do ambiente escolar, causando insatisfação aos alunos, professores e funcionários, enfim na comunidade escolar.

Partindo desta constatação, passei então a me questionar o que estaria acontecendo com a escola, pois se esta é construída, a cada dia, por seres humanos que são dotados de emoções, que são características tipicamente humanas, o que estaria acontecendo, bem como que fatores levaram a escola a chegar a essa situação caótica.

Ao começarem sua caminhada escolar, os alunos chegam à escola cheios de motivação, prazer e expectativas. Iniciam essa extensa caminhada com uma verdadeira paixão pela escola, acalentando sonhos e uma imagem muito bonita e colorida da mesma, gerada por seus pais. Realmente, nos primeiros anos escolares, a escola tem um aspecto agradável, colorido e prazeroso. As paredes são pintadas, a classe possui uma estrutura alegre.

Com o passar dos anos, a educação vai se tornando preto e branco, fria e calculista. Com isso, a escola passa a não ter mais o mesmo valor e significado para os educandos, e com o passar dos anos, o prazer, a motivação, a alegria e a esperança vão diminuindo até se acabarem. Ao chegar ao final da “segunda” fase da caminhada educativa, ao fim do Ensino Médio, o educando acaba por sentir-se feliz e aliviado em poder deixar a escola.

Esse fato não acontece somente com os educandos. Pude observar que a comunidade escolar como um todo está muito insatisfeita com a escola. Os professores e funcionários, muitas vezes, chegam à escola desmotivados, pois ela

não lhes oferece um ambiente prazeroso. Sendo assim, eles acabam realizando suas tarefas com dificuldades, sem amor, sem prazer. Com isso, acabam por prejudicar a construção do conhecimento.

Os pais, por sua vez, com raras exceções, evitam ao máximo ir à escola, fogem das reuniões pedagógicas. Quando aparecem, sempre estão com pressa, somente para receberem as notas de seus filhos, e muitas vezes mal perguntam aos professores como vai o processo educativo dos mesmos. Com o passar dos anos, o desinteresse dos pais cresce, pois seus filhos ficam um pouco mais independentes, e eles acabam por se afastarem completamente da escola.

A sociedade atual, bem como a crise social e financeira, acaba por exigir que os homens norteiem suas vidas sob o eixo do trabalho e do dinheiro. Com isso, a humanidade passou a ser “manipulada” pela sociedade capitalista, gerando um stress constante que pode desencadear, além de doenças, o fim da procura pela tão sonhada felicidade, como parte de seu lado emocional.

Por sua vez, a escola não acompanhou essa brusca mudança e ficou perdida no passado. As novas tecnologias vieram e a escola ainda continua no giz, quadro negro e cadeiras enfileiradas. É preciso que a escola evolua e comece a atender as necessidades não somente de seus educandos, mas da comunidade que ela atende para fazer ressurgir na sociedade os valores que caracterizam o ser humano, efetuando, assim, o seu papel de transformadora da realidade, voltando a construir uma sociedade norteada não somente pelo capital, mas sim pela principal função que nos diferencia dos animais: as emoções.

A problemática de pesquisa deste estudo consiste em saber se, atualmente a Escola Estadual de Ensino Fundamental está buscando construir um ambiente prazeroso para seus professores.

A delimitação dessa temática, restringida a pesquisa com professores, justifica-se pela necessidade de se entender e descobrir como eles encaram essas questões e como se sentem atualmente frente a sua profissão e ao sistema educacional de forma geral. Por acreditar que os professores são a principal base de um bom trabalho de renovação na sociedade, optei por escutá-los, com o objetivo de saber qual o entendimento deles sobre a problemática estudada.

Para a realização deste estudo, que se caracteriza por ser uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo estudo de caso, tracei alguns objetivos, como: identificar os conceitos dos professores sobre a questão do prazer em nível de emoção; descobrir qual a importância dessa emoção na sua prática educativa; observar se a escola oferece um ambiente prazeroso para seus professores e o que a equipe de gestão da escola está fazendo em relação a essa questão; e, identificar se os professores encontram prazer em estar na escola, bem como em todas as suas práticas educativas.

Nessa proposta de pesquisa, procurei abordar o prazer como um aspecto de extrema importância para a educação, valorizando assim as características especificamente humanas, ultrapassando a rude concepção do homem dotado somente do lado racional. Participaram comigo da pesquisa algumas professoras da equipe de gestão da escola, e mais quatro professores dos quatro “ciclos” do Ensino Fundamental (educação infantil, séries iniciais, séries finais e classe especial). Estes foram denominados com letras de A a G, conforme detalhado no capítulo 3.

Observando a realidade atual, onde a comunidade de forma geral encontra-se afastada da escola, é necessário fazer uma análise histórica e política, pois essa realidade não se deu de uma hora para outra, e sim é fruto de um processo de construção histórica e, principalmente, política. Cabe salientar que no Brasil a Educação nunca foi encarada de forma realmente importante, pois desde seus primórdios, foi mais um agente de reforço da exclusão, bem como da hierarquização da sociedade. Fazendo um pequeno resgate histórico, gostaria de lembrar alguns fatos que atuaram de forma relevante para a construção dessa realidade calamitosa em que a educação se encontra no Brasil.

Relacionando a temática estudada com os fatos marcantes da história do Brasil cabe destacar que a questão das emoções nunca foi sequer discutida, pois a visão da sociedade é pautada em uma concepção de homem racional. Podemos perceber essa realidade desde a Proclamação da República e a adoção de um sistema capitalista, baseado em um modelo americano, que a educação teve influência positivista.

Um dos fatos marcantes, não só no cenário educacional, mas no cenário político e econômico do Brasil, foi o Golpe de Estado de Getúlio Vargas que instaurou o Estado Novo e promulgou uma nova Constituição. Anos depois, o fim do

Estado Novo culminou na adoção de uma nova Constituição de cunho liberal e democrático. Esta nova Constituição, na área da Educação, determinou a obrigatoriedade de se cumprir o ensino primário e deu competência à União para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional.

No período de 1964 a 1968 foram firmados acordos chamados os Acordos MEC/USAID, os quais foram feitos para todos os níveis educacionais e tratavam de ajuda financeira dos Estados Unidos para o Brasil. Juntamente com essa “ajuda” vieram, também, programas para implementação de uma educação americana. Sendo que o real objetivo era formar rapidamente mão-de-obra especializada e barata, para suprir a falta de profissionais dentro das empresas multinacionais que já estavam instaladas em grande quantidade no país.

Alguns anos depois, foi promulgada uma Lei n. 5692/71, que outorgava a criação de uma única escola profissionalizante. Essa lei foi o estopim do empobrecimento de nossa educação, pois reforçou a questão do aligeiramento e preparação especializada para trabalho, sem ter como prioridade a qualidade. Essa, no que diz respeito ao financiamento, colocou a educação privada como principal fonte de investimento, pois correspondia ao ideário capitalista de que era a única que poderia atrair lucro. Com isso, mais uma vez a escola pública saiu bruscamente prejudicada.

Somente em 1992, e após muitas discussões, foi que se teve a criação de uma nova legislação. Neste ano, o Senador Darcy Ribeiro encaminhou um novo Projeto de Lei, da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB para a Câmara Federal, que acabou por ser aprovado em dezembro de 1996. Essa nova lei, atualmente em vigor, trouxe novos conceitos para a educação, como a nova gestão da escola, baseada em preceitos de democracia e participação coletiva. Não podemos deixar de salientar que essa lei traz em suas “inovações” a questão da autonomia da escola, que abrange as questões pedagógica, funcional e financeira, que, por sua vez, vai de encontro aos ideais neoliberalistas. Pois essa autonomia não é somente para administrar seus recursos, mas também para gerar seus próprios recursos e, com isso, descomprometendo o Estado como Poder Público.

Mediante esse cenário e análise da Educação no Brasil, cabe a nós educadores questionar a situação atual, para conseguirmos perceber, a quem a escola está servindo? E a quem serve o fracasso da educação neste país?

Na situação em que a educação se encontra, ela não está conseguindo atingir seus principais objetivos. Mediante essa constatação se faz importante questionar, para quem é a escola que temos hoje? E com o objetivo de destacar a educação como um ato tipicamente humano, que se caracteriza pela busca constante da humanização, venho através deste estudo refletir a respeito do processo educativo atual frente à questão das emoções, bem como qual a relação entre o processo de ensino e aprendizagem, realmente significativo, através da compreensão do homem como ser emocional e, ainda, qual o papel do professor-gestor e da nova postura da escola frente a todas essas questões.

A presente monografia está estruturada em quatro capítulos, o primeiro, *O QUE É PRAZER*; tem por objetivo conceituar o prazer em nível de emoção, bem como colocar outras emoções que, unidas a ele, seriam capazes de fazer da educação, realmente um ato humano. O segundo, *A ESCOLA*, visa descrever o objeto de estudo do pesquisador, a Escola, bem como os instrumentos utilizados para a coleta de dados e a justificativa pela sua escolha. O terceiro capítulo, *O PROFISSIONAL PROFESSOR FRENTE À QUESTÃO DO PRAZER*, tem como objetivo fazer uma análise dos dados coletados com os professores, bem como entender quais os conceitos desses sobre a temática estudada. O quarto e último capítulo, *A NOVA GESTÃO DA ESCOLA E A QUESTÃO DO PRAZER*, busca contextualizar o estudo dentro dos objetivos do curso de Gestão Educacional, refletindo sobre a nova proposta de gestão para a escola.

1 O QUE É PRAZER?

Ao refletir e discutir acerca de um tema um tanto complexo que, por si só, se norteia de vários conceitos e definições muito individuais, acredito ser pertinente primeiramente tratar de forma mais ampla essa questão, direcionando a reflexão para as emoções de forma geral, para adiante discutir o que realmente seria a emoção-prazer.

Para tanto, este estudo parte de uma visão mais global sobre as emoções, sendo que, para se abordar uma temática tão subjetiva como as emoções, cabe primeiramente definir e conceituar o que seria emoção, bem como qual sua função para a espécie humana.

Principiando com o significado atribuído por Ferreira (1975, p. 55), emoção é

ato ou efeito de mover (moralmente); abalo moral, comoção; reação transitória, de grande intensidade, em geral produzida por uma situação ou estímulo do meio ambiente; alteração súbita ou agitação passageira, causa por sentimento, medo, surpresa (...).

Segundo essa definição, a emoção seria uma troca de estado psicológico, que pode ser provocada pelo meio ou através de outros estímulos, causada ou relacionada com os sentimentos, uma especificidade tipicamente humana.

Acerca desse tema, Almeida (1999, p. 64) realizou estudos sobre a teoria de Wallon, a qual define que “emoção é um fato fisiológico: tem uma base organizada, ligada ao sistema nervoso. Contudo, (...) para Wallon, a emoção tem também um caráter social, que lhe é peculiar, pela sua função de apelo pela inaptidão infantil”.

Dentro de um olhar na linha da psicologia, estudos realizados por Goleman (1995, p. 303) atestam que “(...) emoção se refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos, e uma gama de tendências para agir”.

Dentro do conceito apresentado pelo autor, as emoções não estão somente ligadas ao lado emocional da pessoa humana, mas também a características

biológicas dessa espécie, sendo que estas “sensações”, por assim dizer, estão diretamente ligadas a todas as ações humanas.

Completando as concepções citadas anteriormente, Jersild (1977, p. 256) afirma que

EMOÇÃO significa o estado de ser “movido”. Externamente, revela-se no riso ou nas lágrimas. Internamente, inclui três qualidades de experiência, que algumas vezes, são claras, e outras, indistintas. Primeiro, envolve ela o *sentimento*, que pode ser de júbilo, de depressão, de ira ou medo. Segundo, inclui um *impulso* na direção de dado tipo de ação. (...) Terceiro, no ângulo subjetivo, a emoção envolve *consciência* ou *percepção* (embora, muitas vezes, não chegando a ter detalhes claros) do que é ou do que poderia ser, que produz tais impulsos e sentimentos.

Segundo Goleman (1995, p. 303) existem várias definições importantes, onde destaca que “(...) há centenas de emoções, juntamente com suas combinações, variações, mutações e matizes”.

Uma vez definido o que seria emoção, passo a discutir qual é a importância desta na vida dos seres tipicamente humanos.

Partindo do pressuposto que a espécie humana é dotada de uma parte racional, onde esta é responsável pelo pensamento lógico e por parte das ações do homem, e também por uma parte emocional que também é responsável pelas ações, cabe distinguir qual a forma como cada uma dessas partes atua no cérebro humano, para assim comandar suas ações. Conforme explica Almeida (1999, p. 49), acerca da teoria da personalidade de Wallon que, através dessa, tenta compreender os dois pólos citados acima,

O objetivo de Wallon é compreender a formação da pessoa. E foi com o estudo da gênese do indivíduo que criou uma teoria de desenvolvimento de personalidade. Antes de tudo, devemos saber que a personalidade, para Wallon, é constituída, basicamente, por duas funções: a afetividade e a inteligência.

Para Goleman (1995, p. 18),

Quando investigam por que a evolução da espécie humana deu à emoção um papel tão essencial em nosso psiquismo, os sociobiólogos verificam que, em momentos decisivos, ocorreu uma ascendência do coração sobre a razão. São as nossas emoções, dizem esses pesquisadores, que nos orientam quando diante de um impasse e quando temos que tomar providências importantes demais para que sejam deixadas a cargo unicamente do intelecto – em situações de perigo, na experimentação da dor causada por uma perda, na necessidade de não perder a perspectiva apesar dos percalços, na ligação com um companheiro, na formação de uma família. Cada tipo de emoção que vivenciamos nos predispõe para

uma ação imediata; cada uma sinaliza para uma direção que, nos recorrentes desafios enfrentados pelo ser humano ao longo da vida, provou ser a mais acertada. À medida que, ao longo da evolução humana, situações desse tipo foram se repetindo, a importância do repertório emocional utilizado para garantir a sobrevivência da nossa espécie foi atestada pelo fato de esse repertório ter ficado gravado no sistema nervoso humano, inclinações inatas e automáticas do coração. (...) Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação *Homo sapiens*, a espécie pensante, é anacrônica à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. Como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto – e às vezes muito mais – quanto a razão. Fomos longe demais quando enfatizamos o valor e a importância do puramente racional – do que mede o QI – na vida humana. Para o bem ou para o mal, quando são as emoções que dominam, o intelecto não pode nos conduzir a lugar nenhum.

Partindo do conceito, colocado pelo autor, que existem vários tipos de emoções cabe então refletir sobre a emoção-prazer.

Os sujeitos da pesquisa, quando indagados sobre o que seria prazer, entendem como sendo um movimento, um estado, uma “sensação” de satisfação, de bem-estar, relacionando essa sensação à vida de forma geral, como demonstram as representações das professoras.

“Prazer é um sentimento ‘grande’, forte, caloroso, acima de tudo sentir-se bem, alegre, feliz, podemos ter prazer em viver mesmo diante das diversidades que aparecem” (professora G, da equipe de Gestão).

“Prazer é satisfação, realização, troca, ressonância, debate, divergência, mudança e crescimento. É ao realizar alguma coisa, sentir-se alegre, satisfeito, cooperativo” (professora C, atua com séries finais do Ensino Fundamental).

Já outras professoras, quando questionadas, relacionando essa emoção a sua realização profissional, manifestaram-se da seguinte maneira:

“É um estado de felicidade, fazer o que gosta, o que realiza como pessoa, profissional” (professora B, atua com séries iniciais do Ensino Fundamental).

“Em primeiro lugar, prazer é ser reconhecida e valorizada pelo que sou capaz de fazer, ter a oportunidade de poder demonstrar o que sei fazer, ou seja, desafiada, motivada é poder compartilhar isso com os outros no âmbito profissional” (professora D, atua com classe de Educação Especial).

De forma geral, as respostas evidenciam semelhança entre os depoimentos das professoras, embora cada uma apresente sua especificidade. Essas especificidades apontam para a individualidade da pessoa humana, demonstrando alguns aspectos que são comuns, tais como: o professor deseja ser visto como pessoa e como profissional; a necessidade do desafio no âmbito profissional.

Para Goleman (1995, p. 303) as emoções poderiam ser divididas em algumas “famílias básicas”. Dentre elas a família do Prazer, sendo que esta seria composta de um grupo de emoções “prazer: felicidade, alegria, alívio, contentamento, deleite, diversão, orgulho, prazer sexual, emoção, arrebatamento, gratificação, satisfação, bom humor, euforia, êxtase, no extremo, mania” (idem).

Baseada nessa definição de famílias, prazer seria então um conjunto de sensações de extrema importância para a realização do ser humano. Pois esta “família” de emoções seria a responsável pelo crescimento e desenvolvimento do ser humano, dentro de uma perspectiva positiva da vida, onde este (ser humano) é fruto de seus próprios sonhos e conquistas, seu aprendizado se dá, principalmente, através de sua busca individual.

Após definir o que é prazer, as professoras foram questionadas a respeito da importância deste em suas vidas. Em relação a essa questão elas responderam que essa emoção atua de forma essencial, principalmente na profissão de professor, que necessita de muito estímulo para desenvolver suas atividades de forma leve e realmente significativa para os alunos, como demonstram as respostas a seguir.

“É importante, pois quando a gente sente prazer, as atividades se tornam leves e tu realiza-as e não sente” (professora A, atua com Educação Infantil).

“É importante para o entusiasmo de estar com as pessoas, alunos, colegas. Estimular a criatividade e a alegria de estudar e criar novas possibilidades dos alunos aprenderem” (professora B, atua com séries iniciais).

“É essencial para em sentir gente, para minha identidade, enquanto pessoa e profissional, pois o prazer é resultado de algo positivo na vida é qualquer pessoa e que nos impulsiona a prosseguir com aquilo que nos dá sentido” (Professora D, atua com classe de educação especial).

“É o que dá sentido à vida, às ações e me torna uma pessoa de bem com a vida” (professora F, da equipe diretiva).

Nas respostas transcritas anteriormente, pode-se notar que as professoras que compõem a amostra deste estudo acreditam de forma geral que as emoções, bem como o prazer, são sentimentos essenciais para se viver com sabedoria e leveza. Isso manifesta que estas já estão conscientes das novas necessidades da sociedade, sendo que somente professores com esse olhar serão capazes de ensinar com alegria e com significado.

Mediante essa análise das professoras, verifico que o ato de educar é tipicamente humano, como já citado anteriormente, sendo dotado de uma parte racional e outra emocional, bem como o espaço que a educação formal (a escola) está dando para essa característica tipicamente humana, a emoção.

Analisando a realidade escolar atual, onde as crianças precisam adquirir conhecimentos vazios, sem significado, tem-se os questionamentos – Como a escola está educando pessoas dotadas de emoções sem valorizá-las? Onde, em que espaço, na estrutura escolar (cadeira, mesas, sala, horários, giz e quadro negro) é possibilitado que a criança se expresse ou externar o que está sentindo?

Essas questões devem nortear o pensamento dos educadores, bem como os estudos dentro da escola e fora dela, para que estes passem a compreender que o conhecimento deve ter significado próprio e ser construído de forma leve e autônoma para que os educando possam utilizá-lo em suas vidas. Essa nova sociedade, que passa por várias mudanças, deve ser integrada à escola para que ambas completem as próprias necessidades, fazendo dos homens seres solidários e fraternos, capazes de viver em sociedade, buscando igualdade de oportunidades e justiça social.

Paulo Freire (1996) ressalta que os sentimentos de esperança e alegria são primordiais para a construção do conhecimento de forma cooperativa e realmente significativa. Assim o autor se expressa:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, incapaz e consciente do incabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou

não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança (p. 80).

Após definir o conceito atribuído pelas professoras ao prazer, bem como a importância dessa emoção em suas vidas, compete investigar como é o ambiente de trabalho das mesmas, em seus detalhes mais minuciosos, pois são nesses detalhes que se definem como se dão as relações interpessoais, bem como a construção do conhecimento. Para isso, o próximo capítulo, tem o objetivo de decrescer o universo de pesquisa de forma detalhada e, assim, tentar compreender como acontece o dia-a-dia da escola.

2 A ESCOLA

Esta pesquisa caracteriza-se por ser uma pesquisa de cunho qualitativo, pois buscou investigar o universo da escola dentro de uma perspectiva subjetiva e global, analisando e refletindo sobre os dados pesquisados, com base em valores, conceitos, conhecimentos e emoções do pesquisador, bem como sua visão sobre o universo escolar. Conforme Minayo (1994, p. 21), é característico da pesquisa qualitativa envolver-se com

questões muito particulares, ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reproduzidos à operacionalidade de variáveis.

Acerca da subjetividade que envolve a pesquisa qualitativa e desenvolvimento do pesquisador junto as suas concepções e valores, Menga & Lüdke (1986, p. 27) ressaltam que “(...) é igualmente importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador”.

A pesquisa é do tipo estudo de caso, pois a pesquisadora optou por estudar somente a realidade de uma escola, frente às questões discutidas por este trabalho, sendo que a escolha da escola se deu porque a pesquisadora faz parte da comunidade atendida pela mesma, onde atua de forma participativa nas atividades da escola, facilitando assim o trabalho de pesquisa e o entendimento do universo escolhido. Para Menga & Lüdke (1986, p. 17) o estudo de caso se caracteriza por ser “estudo de um caso, seja ele simples e específico. (...) O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo”.

O estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental General Edson Figueiredo, localizada na Rua Irmão Donato, n. 95, no Bairro Nossa Senhora de Lourdes. Este capítulo tem por objetivo explicar sobre o universo em que o

pesquisador realizou seu estudo, caracterizando a Escola e sua amostra pesquisada.

Para a construção deste capítulo, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação e análise documental. Num primeiro momento procurei usar a observação para iniciar a construção de um diagnóstico da realidade pesquisada. Essas observações foram realizadas de maneira informal, ao passear pelos corredores da escola, ao observar as relações das pessoas, ao participar dos projetos da escola e das atividades da escola-comunidade.

Para Menga & Lüdke (1986, p. 27),

A observação direta permite também que o pesquisador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o pesquisador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e as suas próprias ações.

Já para obter dados mais concretos a pesquisadora utilizou a análise documental, dos documentos referentes à proposta político-pedagógica e o regimento escolar.

Para Menga & Lüdke (1986, p. 38),

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam uma fonte “natural” de informação. Não apenas fonte de informação contextualizada. Mas surgem em um determinado contexto e fornecem informações sobre esse contexto.

Primeiramente, gostaria de fazer uma descrição da trajetória histórica da escola, para, por fim, explanar a sua situação atual.

A Escola General Edson Figueiredo foi criada através do Decreto n. 4.277, de 26 de outubro de 1962, assinado pelo Presidente da Assembléia Legislativa, Gustavo Langsch, no exercício do cargo de Governador do Estado e pelo Secretário da Educação, Justino Quintana, criando o Grupo Escolar do Mato dos Abraão, sob a Direção da Professora Maria Gonçalves Souza.

No seu primeiro ano de funcionamento (1963), a escola atendia 207 alunos, distribuídos entre a 1ª e a 5ª séries, permanecendo assim até o ano de 1970, com algumas pequenas modificações.

No ano de 1971, com o Decreto n. 20.969, de 01 de fevereiro, foi feita a primeira alteração em seu nome, modificando de Grupo Escolar do Mato dos Abraão para Grupo Escolar General Edson Figueiredo.

No ano seguinte (1971), e se estendendo até o ano de 1977, funcionaram turmas de 1ª a 5ª séries, com uma média anual de 227 alunos, para atender a demanda da clientela que crescia, devido à proliferação de famílias na comunidade do bairro.

No ano de 1978, a Portaria n. 2.607, de 03 de março de 1978, autorizou a criação da 6ª série. E a partir desse ano funcionaram normalmente, turmas de 1ª a 6ª séries, com média ainda maior de alunos, 233 alunos. Neste mesmo período, a Portaria n. 23.492, de 29 de outubro de 1979, reorganizou o nome da escola, modificando-o para Escola Estadual de 1º Grau Incompleto General Edson Figueiredo.

Com o crescente aumento da demanda de alunos e, também, devido à carência de escola no bairro e nas suas proximidades, fez-se necessário que a escola passasse a oferecer o 1º grau completo, e então a Portaria n. 1.384, de 29 de março de 1984, autorizou o funcionamento das turmas de 7ª e 8ª séries, alterando o nome para Escola Estadual de 1º Grau General Edson Figueiredo.

Outro fato marcante para a escola foi o Parecer n. 476/95, de 25 de abril de 1995, do Conselho Estadual de Educação, que autorizou o funcionamento da Classe Especial. Desde então, a escola tem se notabilizado pela forma de atendimento aos alunos incluídos (DME) em turmas mescladas com alunos sem deficiência.

Outra conquista importante para a escola e a comunidade foi a autorização de funcionamento da primeira Sala de Recursos, em 09 de abril de 2001, o que tem possibilitado o atendimento, educação e desenvolvimento dos alunos incluídos, e aprendizado pelos restantes dos colegas em dificuldades vivenciadas por esses alunos, a convivência e aceitação das limitações de cada um. A Escola trabalha enfatizando essa questão como se pode verificar na sua filosofia:

Contribuir para a construção de uma sociedade formada por cidadãos éticos, politizados, com conhecimentos e valores necessários para que o ser humano possa ser feliz dentro de suas relações interpessoais respeitando as diferenças individuais.

Atualmente, a escola já possui duas Salas de Recursos e profissionais especializados para atender os alunos em turno oposto ao horário de aula.

Desde então, a escola tem conseguido atender não completamente, pois a qualidade de ensino é tomada como modelo dentro da rede estadual e, por isso, a procura é muito grande. Atualmente, a escola atende cerca de 750 alunos matriculados nas turmas de Classe Especial, Educação Infantil até a 8ª série, durante os turnos de manhã e tarde.

Parte desses alunos reside nas proximidades do bairro e, portanto possui uma situação financeira razoável, sendo que a escola atende, ainda, um grupo grande de alunos oriundos da Vila Maringá, uma vila um pouco afastada da escola, mas que possui um transporte facilitado, pois o ônibus pega as crianças na vila e passa em frente à escola. Esse grupo de alunos encontra-se em uma situação econômica um pouco mais precária. Para tentar amenizar a situação desses alunos a escola bem como a comunidade ajuda com livros, cadernos, materiais, uniformes e outros materiais escolares.

Os alunos, de forma geral, encontram-se em uma situação escolar boa, pois são acolhidos de forma calorosa pela escola, que gentilmente é apelidada por eles como “Coleginho”. Estes, ao terminarem o Ensino Fundamental costumam voltar à escola para rever os professores e funcionários, bem como trabalhar de forma voluntária nos eventos da escola.

Durante toda essa trajetória a escola foi dirigida por 10 professores.

Com o expressivo crescimento do Bairro Nossa Senhora de Lourdes e a procura pela Escola, esta foi aumentando cada vez mais, e hoje todas as suas atividades estão voltadas diretamente ao aluno, para que o aluno seja um cidadão completo e que possa ser feliz em suas relações.

Atualmente, a escola está sob a direção do professor João Sortica, tendo como vice-diretora do turno da manhã a professora Ivete Spat Javorsky, e na vice-direção do turno da tarde a professora Rosane Sbeghen.

No que se refere à estrutura e funcionamento da escola, a Escola Edson Figueiredo, se caracteriza por ser uma escola de médio porte, no que se refere aos setores administrativos e pedagógicos possui Direção, Vice-Direção, Supervisão, Coordenação de Turno, Serviço de Orientação Educacional, Conselho Escolar, Círculo de Pais e Mestres, Secretaria Administrativa.

A Direção e a Vice-Direção possuem um trabalho integrado, tanto a nível administrativo quanto a nível pedagógico, embora essa segunda função fique a cargo da supervisão. A Direção da Escola (Diretor e Vice-Diretora) é eleita através do voto direto de toda a comunidade (alunos, professores, funcionários, pais). Após a eleição da Direção, esta escolhe a equipe que vai ocupar as outras funções dentro da escola.

A Direção está ligada aos serviços administrativos, interagindo com todos os profissionais da escola (professores e funcionários), tentando promover uma boa integração entre todos os segmentos da escola, mantendo uma relação aberta e afetiva com os alunos, professores e funcionários. Durante o tempo disponível, o Diretor passeia pelos corredores, conversa com os alunos, professores e funcionários, e, na medida do possível, tenta conversar com os pais e responsáveis pelas crianças, promovendo uma relação de amizade entre a comunidade escolar.

Com o serviço de Supervisão Escolar fica a função de coordenar as atividades realizadas pelos professores. Esta é composta de três professoras, uma supervisora geral e duas coordenadoras. É responsabilidade dessa equipe auxiliar os professores, orientando o trabalho pedagógico, fornecendo material, enfim auxiliando quando solicitadas.

A Coordenação de turno, que é composta por um coordenador (professor) em cada turno que a escola atende, e um funcionário responsável por auxiliá-lo. Estes trabalham diretamente com o aluno, controlam entrada, saída, atestados, atrasos, frequência, na parte mais prática da escola. Por falta de professores alguns professores e as vice-diretoras estão acumulando as funções, enquanto não se encontram profissionais para trabalhar nessas subseções.

A escola possui, no Serviço de Orientação Educacional (SOE), duas orientadoras educacionais, que trabalham tanto com os alunos, pais quanto com os

professores, auxiliando os alunos com suas dificuldades, bem como os professores quando necessário.

A Escola ainda possui uma Secretaria Administrativa que realiza as funções burocráticas dentro da Escola, tanto relacionadas aos alunos, como aos professores e funcionários. Esta auxilia a Direção em suas funções administrativas.

A Escola se caracteriza pelo trabalho em equipe, mas ainda com divisão de funções. Tem uma estrutura sólida e democrática, onde ouve, respeita e considera as opiniões de toda a comunidade escolar.

Em relação à estrutura externa e interna da Escola, pude observar que esta não possui um espaço muito grande, porém é muito bem aproveitado. Possui pracinha, com uso organizado por horários. Uma biblioteca bem equipada com livros, revistas, enciclopédias e materiais pedagógicos, para o uso de toda a comunidade. Para auxiliar os professores possui uma sala de mecanografia e audiovisual, com um funcionário para auxiliar os professores com xerox e confecção de materiais ou com a utilização de equipamentos eletrônicos (som, videocassete, televisão).

Dentro das atividades pedagógicas, a escola possui um laboratório de química, um laboratório de informática, com profissionais especializados para auxiliarem as crianças, sala de apoio para alunos portadores de necessidades especiais e classe especial, como já citado anteriormente. Nesse momento está em fase de finalização, com a ajuda intensa da comunidade, um ginásio poliesportivo para o uso dos alunos, professores, funcionários e comunidade. Este terá vestiários amplos e confortáveis, sala para materiais de Educação Física, para a Invernada Artística, sala para o Grupo de Dança, dentre outras dependências que favoreçam o trabalho realizado pela escola.

Na escola havia uma sala onde funcionava um consultório médico, mas agora a sala é ocupada por uma enfermeira e uma fonoaudióloga que prestam atendimento para as crianças, auxiliando os professores.

As salas de aula são bem equipadas e bem conservadas. Enfim, em relação à estrutura física, a Escola é muito boa, possui um espaço adequado e bem aproveitado.

A Escola oferece, também, atividades extraclasse como: grupo de dança, teatro para os alunos, aulas de ginástica, palestras e sessões de relaxamento para os professores e funcionários, aulas para acompanhamento pedagógico, em turno oposto ao horário de aula para que os alunos que apresentam pequenas dificuldades possam ser orientados e acompanhados. A escola cumprindo uma exigência legal, utiliza a recuperação paralela por trimestre, com o objetivo de recuperar conteúdo e solucionar dificuldades, ao invés de deixar para recuperar o aluno somente na fase final (recuperação terapêutica).

A Filosofia da Escola discute questões importantes, referentes ao respeito às diferenças. Para isso, a Escola busca atualizar-se, construindo seu Projeto Político-Pedagógico. Este está em avaliação e reelaboração constante. A construção do projeto foi dividida em quatro fases: primeiramente foi feita uma pesquisa com os pais, professores, alunos e funcionários, enfim a comunidade escolar, com o objetivo de descrever a realidade escolar com maior precisão. Na segunda fase, os professores foram divididos em grupos, a Educação Infantil, Séries Iniciais (1ª a 4ª séries) e os professores de Séries Finais (5ª a 8ª séries) foram agrupados por disciplina, para que cada segmento do grande grupo elaborasse um esboço de proposta político-pedagógica, a ser acrescentado à proposta da Escola. A terceira fase consistiu na elaboração de planos de ação pelos grupos, sendo que estes deveriam compreender as diretrizes metodológicas a serem seguidas pelos profissionais de toda a Escola. A quarta fase se caracterizou por uma reavaliação de toda a proposta pedagógica, analisando cada ponto separadamente, discutindo e refletindo para fazer os últimos ajustes, estes com o objetivo de que o trabalho pedagógico seja mais coerente.

Atualmente, este se encontra na fase de “burocratização”. Está sendo relido, corrigido e reavaliado para ser enviado a 8ª Coordenadoria de Educação – 8ª CRE.

O regimento escolar foi elaborado com a comunidade e aborda pontos importantes sendo considerado um complemento regimentar da proposta político-pedagógica da escola. Nele consta a organização administrativa da escola, outros organismos de caráter pedagógico (subunidades: biblioteca, Círculo de Pais e Mestres - CPM, laboratórios, mecanografia, etc.), normas de convivência, planejamento do ano letivo e calendário escolar, plano global e algumas disposições gerais que tratam a respeito da escola.

Dentro desse contexto escolar, destaco a questão da participação das famílias no processo de educar. Estas se tornam indispensáveis para a execução de projetos educativos que visam promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança. É imprescindível também, oportunizar a participação de toda a comunidade, pais, professores, funcionários e alunos no processo educativo dentro da escola, bem como na elaboração do Projeto Político-Pedagógico da escola. Na escola é visível essa participação, não somente nas decisões financeiras, mas também relacionadas à formulação da Proposta Político-Pedagógica da Escola, bem como na programação de atividades e desenvolvimento de projetos.

A escola também possui um Conselho Escolar, que é uma Comissão composta de pais, alunos, funcionários e professores, que auxilia nas decisões referentes ao funcionamento da escola e trabalha juntamente com a Direção.

A escola conta com o Círculo de Pais e Mestres (CPM). Esta comissão é composta de Pais e Professores, que trabalha de forma voluntária, fazendo promoções, geralmente para arrecadar fundos para a escola. Estes recursos são administrados pelo CPM junto à Direção da escola. Atualmente, o CPM está arrecadando fundos, através de várias atividades, que visam o término da construção do ginásio poliesportivo para uso da Escola e da Comunidade.

A escola entende que ao se tratar de planejamento é necessário primeiramente entender essa forma de trabalho sob dois focos: o primeiro considerando o planejamento global da escola, e o segundo considerando o planejamento da professora, que trata especificamente sobre a sua ação educativa.

Primeiramente vou tratar como se dá a questão do planejamento global da escola, o qual é fundamentado na Proposta Político-Pedagógica da Escola, juntamente com as metodologias e conteúdos estipulados. E, ainda, existe o planejamento por ciclos (educação Infantil, séries iniciais e séries finais) através das reuniões para troca de experiências, embora cada professor possua liberdade de ministrar suas aulas da maneira que melhor desejar.

Relacionado ao corpo docente da escola, gostaria de destacar que possui um grupo de professores, em sua grande maioria, bem atualizados que se preocupa bastante com esta questão, mas, como em toda Escola, ainda possui uma pequena

parcela de professores desatualizados e incoerentes em sua prática educativa, mas no geral possui um grupo de professores unidos e que buscam o melhor para sua prática e seus educandos.

A formação continuada dos professores se dá através de reuniões semanais, para troca de experiências, estudos, recados, confraternizações. Ainda se busca parcerias, como a que está acontecendo agora com a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Celina de Moraes, que está promovendo um curso, que acontece todas as sextas-feiras à noite, com o objetivo de discutir questões relacionadas à afetividade e ao bem viver. A direção e supervisão da escola costumam valorizar e estimular a formação continuada de seus professores, liberando-os, sempre que possível, para congressos, seminários ou até mesmo para cursos de pós-graduação.

Esse tema relacionado à afetividade já vem fazendo parte do cenário de discussões da escola desde o ano letivo passado, norteado pelo tema gerador “Encanto pela Vida”, que perpassa todas as atividades realizadas na escola. Este tema tem por objetivo promover a valorização da vida e as relações interpessoais.

Possui um número significativo de funcionários, entre portaria, secretaria, coordenação, limpeza e cozinha, são em média 15 funcionários, que auxiliam no funcionamento da escola. Pude observar que esse grupo é vital para o funcionamento da mesma, todos despenham suas funções com motivação e competência. Senti um clima de amizade entre eles e com o restante da escola. Desempenham funções às vezes até diferentes das suas como, por exemplo, ajudam na mecanografia, ou entre outras subunidades da escola. Em relação à formação continuada, eles estão inseridos em algumas formações para os professores e os funcionários participam de cursos e palestras oferecidos pela 8ª CRE.

Após demonstrar detalhadamente o universo de pesquisa, gostaria de explorar especificamente o foco do trabalho, as emoções, dentro do olhar dos educadores, para isso, o próximo capítulo busca entender e explicar como os professores se posicionam frente à questão das emoções, e ainda como entendem, valorizam e atuam em relação ao prazer dentro do universo escolar.

3 O PROFISSIONAL PROFESSOR FRENTE À QUESTÃO DO PRAZER

Para a realização deste capítulo procurei conversar com algumas das educadoras da escola pesquisada, visando descobrir qual a opinião dessas profissionais tão importantes dentro do universo escolar, a respeito da questão do prazer, e de como, atualmente, elas se sentem frente às suas práticas educativas, bem como no ambiente onde as realizam.

Para a construção deste, foram selecionados dois grupos de professores. No primeiro, foram convidadas a participar quatro professoras, cada professora deste grupo corresponde a um ciclo dentro da escola, a cada uma destas foi atribuída uma letra, para a professora de educação infantil, a letra *A*; para a professora das séries iniciais a letra *B*, para a professora das séries finais, a letra *C*, para a professora da classe especial, a letra *D*. O segundo grupo foi o formado pela equipe de gestão da escola, foram distribuídos três questionários para serem entregues às interessadas. Este grupo também foi classificado por letras, para as duas vice-diretoras foram atribuídas as letras *E* e *F*, e para a Orientadora Educacional a letra *G*, perfazendo um total de sete professoras, sendo que todas foram questionadas a se posicionarem primeiramente como professoras, e num segundo momento a equipe de gestão respondeu questões referentes a sua atuação enquanto equipe diretiva.

A escolha da amostra dessa pesquisa foi através de sondagem de interesse e posteriormente convite. Esse tipo de seleção justifica-se pela complexidade do tema a ser discutido e também pela familiaridade do pesquisador com os professores selecionados, o que ajuda muito nas reflexões sobre o tema. Já o segundo grupo, a equipe de gestão, atualmente, por falta de professores, conta com cinco profissionais, um diretor, duas orientadas educacionais, duas vice-diretoras (uma para cada turno) que por necessidades estão acumulando as funções de coordenadoras pedagógicas e supervisoras escolares.

Para a coleta de dados com as professoras foram utilizados questionários. Divididos em duas fases, primeiramente foi enviada uma cópia do projeto de pesquisa juntamente com a entrevista escrita para cada uma das professoras. Após

as professoras terem respondido as questões propostas, a pesquisadora, ao recolher o questionário, procurou discutir algumas questões, informalmente.

Num primeiro momento, os grupos pesquisados foram solicitados a contar um pouco de sua trajetória profissional. Todas as professoras possuem formação superior e específica para as funções que atuam, das sete professoras, seis possuem uma caminhada de mais de dez anos no magistério estadual, como demonstram as respostas das professoras a seguir.

Ingressei em 1980 (regente de classe – 3ª série), sou formada em Magistério, Pedagogia, Orientação Educacional, Alfabetização e Educação Infantil (professora G, grupo 2).

Ingressei no magistério em 1979, minha formação é Magistério (nível técnico) e Pedagogia (nível superior) (professora A, grupo 1).

Analisando as respostas das professoras, quando lhes foi questionado, o porquê de haverem optado pela carreira do magistério, algumas das entrevistadas transparecem ser professoras por acreditarem ter vocação para o ofício. Como afirma Oliveira (2000), “A questão da escolha do curso ou profissão pode ser identificada, na medida em que a vocação surge como uma das principais justificativas para tal”. Como se pode notar nas respostas a seguir:

Um pouco influenciada pela irmã mais velha que era professora e gostava do que ela fazia. Sempre achei que uma aula não podia ser só aquilo que me foi oferecido, então, tentar fazer o mesmo de forma diferente tornou-se um desafio que permanece até hoje (professora D, grupo 1).

A princípio por gostar muito das letras, da literatura da escrita. Hoje por ter paixão pelo desenvolvimento da criança e do adolescente (professora F, grupo 2).

Já algumas demonstram que a carreira do magistério veio de forma “colocada”, por falta de oportunidade, mas a profissão acabou se tornando uma paixão.

Na minha cidade ou fazia magistério (dia) ou contabilidade (noite). Optei pelo magistério, e fui muito feliz na escolha. Adoro o que faço (professora G, Grupo 2).

Sempre gostei de História, humanidades em geral, quando cursava comunicação, as disciplinas da área antropológica e história eram as que mais me fascinavam, daí, prestei vestibular para História, o magistério foi uma contingência, pois não havia bacharelado aqui, nessa área (professora C, grupo 1).

Quando questionadas sobre o principal foco desse estudo, a questão das emoções, especificamente o prazer, um ponto em comum que pode ser ressaltado é que todas as professoras encontram prazer em estar com sua família, sendo que o trabalho também é destacado como fonte de imenso prazer, como demonstram as respostas a seguir.

Me dá prazer viver, trabalhar, curtir a família, os amigos, viajar, aprender cada vez mais ... (professora E, grupo 2).

A alegria, a convivência com a minha família, meu trabalho, o ócio (às vezes) dormir, viajar, um bom papo, com pessoas alto astral (professora F, grupo 2).

Minha pequena grande família (filhas, vó, amigos, amores...), trabalho e lazer (professora G, grupo 2).

Principalmente a minha família, meus filhos, estar com os amigos e colegas; ver os alunos descobrindo o mundo (professora B, grupo 1).

A minha casa, meu companheiro, minha família, um bom filme, uma boa comida, ler jornais. Estar em sala de aula quando existe troca, parceria, justiça. Ver os adolescentes poderem discutir os assuntos além do "senso comum", ouvir com eles música, filme, conversar (professora C, grupo 1).

Compartilhar bons momentos com minha família e meus amigos; o meu trabalho me dá prazer principalmente quando sinto que com o que sei posso contribuir para com meus alunos (professora D, grupo 1).

Nas respostas das professoras nota-se que estas se referem ao ato educativo como algo prazeroso, isso evidencia que elas planejam suas aulas, bem como tentam executá-las de forma leve e propiciam um ambiente educativo alegre e prazeroso. Nota-se também que a paixão pelo contato com os alunos motiva-as para que construam todos os dias o seu trabalho.

Questionadas especificamente sobre o seu ambiente de trabalho, a sua escola, as professoras demonstram satisfação com o ambiente em que atuam, referindo-se ao ambiente de forma alegre e saudável, evidenciando que a escola

possui um ambiente harmônico, onde todos possuem o seu papel e o realizam com motivação.

Adoro minha escola, é um local gostoso e nosso grupo de trabalho na maioria é harmônico e unido (professora A, grupo 1).

Sim, gosto da minha profissão, ela me proporciona o exercício constante da transformação pessoal da leitura e interpretação das coisas da vida, do contato humano com adolescentes e jovens. A escola Edson Figueiredo tem sido para mim um excelente espaço do exercício profissional, adoro esta escola, nela “rola” uma energia boa, os alunos são parceiros, a maioria dos colegas e direção também (professora C, grupo 1).

Sim, adoro. Levanto com alegria, se bem que gostaria de estar mais bem remunerada, para poder me dedicar mais, fazer cursos, etc... (professora G, grupo 2).

O depoimento da professora G ressalta um dos fatores cruciais para a falta de prazer do professor em relação a sua profissão. Cabe salientar que, a questão da remuneração, que traz consigo o aspecto da valorização da profissão de professor, é um fator que, por si só, gera um descontentamento, além do que, mediante esta realidade o professor, para suprir suas necessidades de sobrevivência, acaba por acumular muitas horas de trabalho, chegando a trabalhar em duas ou três escolas com realidades diferentes, não podendo participar das reuniões e atividades das mesmas, fazendo assim um trabalho descontextualizado com o restante da escola.

Outro aspecto importante trazido na fala da professora é que um profissional que dispõe de pouco tempo e pouco dinheiro, não consegue adquirir recursos para atualizar-se, nem mesmo para proporcionar a si mesmo momentos de lazer, sendo que estes são os principais momentos da expressão da criatividade.

Acerca dessa relação entre dedicação, valorização do trabalho e remuneração dentro da profissão de professor, Odellius & Ramos (1999, p. 340) afirmam que,

O professor ganha mal, em muitos casos, apenas com o que ganha é possível fechar as contas básicas do mês (...). O professor não tem entre o seu trabalho e seu salário, uma relação entre esforço e consequência. Ele trabalha, dá aulas como seu colega, que, apesar de menos esforçado, ganha mais do que ele. Ou, então, trabalha e descobre que o professor da turma ao lado, que se dedica mais que ele, se desdobra, leva trabalho para casa, incrivelmente, tem um salário menor do que o seu.

Durante os momentos em que pude andar pelos corredores da escola e viver o seu dia-a-dia, pude observar que a liberdade, bem como o incentivo por parte da direção e do corpo docente como um todo, realmente gera essa “energia” que a professora colocou como um aspecto importante dentro do ambiente de trabalho, para que ela goste de sua profissão.

Já, quando questionadas acerca das atividades que realizavam na escola, quais geram prazer e quais geravam desconforto, estas citaram fatos que geram prazer como, por exemplo, o dia-a-dia da sala, o desenvolvimento de seus alunos, as práticas educativas. Já quando o assunto é mal-estar, normalmente este é causado por atritos com colegas e burocracias da escola.

No meu dia-a-dia sinto sempre prazer, porém em algumas atividades como reuniões sinto desprazer quando existem alguns colegas que vão a escola por obrigação e acham, tudo difícil, então não consigo calar (professora A, grupo 1).

Sinto prazer em estar em sala de aula, nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe, nas atividades extraclasse, (caminhadas de toda escola, seminário organizado pelos alunos do grupo antidrogas); na troca de idéias com os colegas. Às vezes é meio “chato” estar na sala dos professores e ouvir o desencanto dos colegas (de alguns) (professora C, grupo 1).

Não sinto prazer em realizar cobranças, em ter que dizer coisas que deveriam ser óbvias para o professor, em ter que punir aluno (professora F, grupo 2).

Ao se tratar da questão do prazer dentro do ambiente de trabalho, não se pode deixar de questionar se o professor acredita que na sua escola existe um ambiente prazeroso, e se existe como este é construído. Quando abordadas sobre esta questão, a maioria respondeu que na sua escola o ambiente é prazeroso, e que este sobrepõe às situações de desconforto, como demonstram as respostas seguir.

Acredito que é prazeroso, as ações sempre são debatidas e acertadas coletivamente há uma solidariedade na maioria dos colegas. Há interesse na busca de formação e informação, que é colocada a disposição do grupo (professora D, Grupo 1).

Acho que sim, existe. Ele é construído através do companheirismo dos colegas, pela alegria de estar aqui, pelo trabalho em conjunto, pela alegria das crianças, pelo sorriso delas, pelo resultado do trabalho... (professora E, grupo 2).

Se o professor, que é comprometido, encontra em sua escola um ambiente democrático, onde este possa ter voz ativa e colaborar para o processo de construção do conhecimento, este se sente capaz e motivado para descobrir conhecimentos novos, participar do processo de decisão da escola, interagindo coletivamente na construção de uma sociedade democrática através da escola. É assim que se dá a relação mais íntima entre gestão democrática e prazer, pois o professor que é motivado por um ambiente prazeroso e é comprometido com sua profissão, atua de forma cooperativa e democrática na construção da sociedade que tanto almejamos.

Ao se tratar da questão das emoções dentro do ambiente escolar, não se pode deixar de salientar que é na sala de aula, que os alunos vivenciam experiências constantes de construção de conhecimento. Sendo que, ao se tratar acerca das relações dentro da sala de aula, o que os professores pensam a respeito da relação com seus alunos, bem como nas práticas pedagógicas diárias de sala de aula, as respostas são as seguintes:

É muito bom estar com meus alunos, cada dia é um dia diferente, com desafios como profissional e como pessoa (professora B, grupo 1).

Sim, adoro meus alunos, fazemos um debate constante em sala de aula, pois, área de história é pura análise social, os conteúdos trabalhados proporcionam um ambiente de troca diária. Adoro vê-los fazer teatro, maquetes, reunir material, dar um sentido lógico “ressignificar” o conhecimento histórico (professora C, grupo 1).

Acerca do sentimento que o educador deve ter em relação aos seus educandos, Freire (1996, p. 159) afirma que,

Ensinar exige querer bem os educandos (...) Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano.

Já quando questionadas a respeito se acreditam que proporcionam um ambiente prazeroso para seus alunos, estas responderam que se preocupam e refletem acerca dessa questão, investigando se os alunos estão motivados ou não, sendo que na medida do possível sempre procuram manter um ambiente

pedagógico leve e prazeroso para ambas as partes, professora e alunos. Como transcrevem as respostas a seguir.

Procuro sempre pensar nisso e refletir sobre isso (professora A, grupo 1).

Sim, a alegria em que eles vêm para a aula, é com a mesma alegria que saem e com vontade de voltar (professora B, grupo 1).

Acredito que sim, na maioria das vezes nos envolvemos mutuamente que as horas voam. É claro que é um aprendizado para mim e para eles, (...) (professora C, grupo 1).

Sempre que faço o planejamento da aula, procuro conciliar entre o que é necessário trabalhar com o agradável, motivador. Nem sempre isso acontece, pois assim como o aluno, o educador também tem seus momentos de cansaço (físico e mental) que interferem neste estado de prazer e motivação que não deixa de ser um exercício diário, buscando superar momentos de desânimo nas mais variadas situações do dia-a-dia, tanto profissional quanto pessoal (professora D, grupo 1).

Ressaltando que o ato de aprender é tipicamente humano, e que esses são dotados de dois hemisférios cerebrais, responsáveis por funções diferentes, um lado a emoção e outro a razão, não se pode deixar de refletir se o prazer é importante ou não para o aprendizado dos alunos. Sendo assim as professoras foram indagadas a responder se sentem que seus alunos têm prazer pelo ato de aprender, função principal da escola, e se acreditam que essa emoção é importante para a aprendizagem.

É muito importante. Acho que eles têm prazer na sala de aula, mas acho que não é só na sala de aula e sim um contexto de tudo (professora A, grupo 1).

A maioria sim. E acredito muito que o prazer é uma das peças importantes na construção do conhecimento (professora C, grupo 1).

Acredito que a maioria tem. No entanto, vejo alguns alunos desestimulados, anestesiados, para estes, muitas vezes o esforço precisa ser redobrado. Essa emoção é importante para a aprendizagem, mas sempre digo que é necessário resgatar o sentido clássico do que é estudar, se puder ser com emoção e afeto melhor; se não mesmo numa visão “espartana” há que se entender a importância do conhecimento para a emancipação humana (professora C, grupo 1).

Diante das reflexões expressas pelas professoras, sujeitos da pesquisa, pude perceber que há um entendimento da função das emoções na vida humana, dentro do ambiente escolar e no ato educativo, principalmente. Além de entender a importância, os sujeitos transpareceram trabalhar essas questões dentro de si para poder trabalhar com seus alunos. E que, na medida do possível, tentam transformar a sala de aula em um ambiente prazeroso e cheio de criatividade, para que os alunos possam crescer juntos e construir conhecimento de forma significativa.

Relembrando, ninguém oferece ou compartilha com ninguém o que não tem, para tanto é necessário lembrar que o professor não pode perder a sua busca constante pela satisfação pessoal e profissional, pois para que este possa proporcionar um ambiente prazeroso para seus alunos, deve investir em si mesmo e na profissão, para que, assim, possa ter motivação para estimular seus alunos.

4 A NOVA GESTÃO DA ESCOLA E A QUESTÃO DO PRAZER

Ao se atribuir o termo Nova Gestão da Escola, as transformações que esta vem sofrendo através dos conceitos de gestão, cabe salientar que este é proveniente da legislação em vigor que dispõe acerca dos princípios e fins, sob os quais o ensino será ministrado, dentro de uma perspectiva de “Gestão democrática do ensino público, forma desta lei e da legislação do sistema de ensino” (DUTRA, 2003, p. 12).

A respeito dos valores, da cultura e de todo o cenário que esta nova concepção de escola, a escola democrática, trouxe, Lima (1997) afirma que o modelo de gestão democrática de uma escola deve estar intimamente ligado aos valores da sociedade, da cultura da escola e, principalmente, à concepção de cidadania e de saber que buscam a transformação da escola e da sociedade.

Esses conceitos, fundamentados em ideais de participação e cooperatividade, abrem dentro da escola uma perspectiva para a construção efetiva de uma escola autônoma, que seja capaz de, democraticamente, buscar soluções para seus problemas, para que possa corresponder às necessidades dessa sociedade que clama por igualdade de oportunidades e justiça social. Isso é considerado um avanço na legislação vigente, pois abre espaço para discussões coletivas e tomada de decisão pela comunidade que a instituição atende. A esse respeito, Libâneo (2001, p. 80) ressalta que:

O conceito de participação se fundamenta no de autonomia, que significa a capacidade das pessoas e dos grupos de livre determinação de si próprio, isto é, de conduzirem sua própria vida. Como a autonomia opõe-se às formas autoritárias de tomada de decisão, sua realização concreta nas instituições é a participação.

Referente à equipe de gestão da Escola Edson Figueiredo, escolhida como universo de pesquisa para este estudo, primeiramente, através do questionário procurei descobrir os motivos que levaram as professoras a fazer parte dessa equipe, se elas haviam escolhido ou haviam sido convidadas a participar da equipe diretiva da escola. Estas quando questionadas responderam que:

Porque fiz o curso de especialização e supervisão escolar, e me identifiquei bastante. Comecei para adquirir experiência e me apaixonei (professora E, grupo 2).

Primeiro por imposição. Hoje acredito que todo o professor deveria passar por esta experiência, principalmente o professor de disciplina: sair da “sua gaveta” e ver todo o processo educativo (professora F, grupo 2).

Desde que cheguei na escola, em 1992, havia a vaga do SOE (trabalhei com várias equipes), acredito no trabalho em equipe (professora G, grupo 2).

Na Escola, escolhida como universo de pesquisa, pude observar que o processo de gestão da escola ainda se dá de forma fragmentada. Os diversos segmentos da escola encontram-se em processo de integração, as decisões começam a se descentralizar, um dos exemplos é o conselho escolar que possui voz ativa dentro da escola.

A escola, como grande maioria, já exhibe alguns indícios de democratização, como constituição de comissões e conselhos representativos para a tomada de decisão referente à escola, também uma característica marcante é a participação da comunidade que, como já citado anteriormente, atua de forma decisiva nas realizações da escola, bem como na tomada de decisão, tanto nas questões pedagógicas, como outras questões referentes à administração financeira.

Embora a escola ainda possua resquícios da fragmentação, não se pode deixar de notar que esta, através de estudos coletivos, dentre outras iniciativas, está tentando construir uma gestão, baseada nos princípios democráticos, onde cada membro da escola e da comunidade possui voz ativa, referente a qualquer assunto ou decisão na escola, pois esta é considerada patrimônio da comunidade que atende.

Para se fazer uma reflexão acerca da escola, é pertinente primeiramente, refletirmos sobre o sistema em que esta está inserida. Cabe então revisarmos alguns conceitos.

Entende-se por neoliberalismo a ideologia fundada no sistema capitalista, que prega a competitividade, a livre concorrência, o individualismo. Esse sistema econômico, em que grande parte do mundo está inserida, consiste na competição, onde o maior (que possui mais capital) sobrepõe-se ao menor. Junto ao conceito de

capitalismo, cabe explicar o que seria neoliberalismo. Esta ideologia, fundamentada nos princípios do liberalismo, prega a defesa da empresa privada, sem nenhuma intervenção do Estado, seu principal objetivo é o lucro individual, gerado pelo capital a “qualquer custo”.

Essa ideologia, bem como o sistema econômico que ela fundamenta, baseada no princípio de incentivar o que dá mais lucro, ou seja, sistema privado, acaba por esquecer e descomprometer o Estado com tudo aquilo que é público. Sendo assim, a instituição escola, que faz parte do patrimônio público, como não oferece lucro, passa a ser tratada como “sem valor”, e o Estado passa a responsabilidade para a comunidade, a fim de que esta se mobilize e gere maneiras de mantê-la, se descomprometendo completamente com o financiamento da educação pública.

Outra característica desse sistema econômico é a globalização que significa tornar o mundo sem fronteiras através da comunicação e das relações internacionais. Sendo que este mundo sem fronteiras caminha para a dominação dos países ricos sobre os pobres.

As transformações no mundo do trabalho, impostas pelo capitalismo, demandam a necessidade e a possibilidade da formação ampliada do pedagogo, bem como dos estudantes das licenciaturas.

A unitariedade no trabalho escolar pode ser alcançada através da formação continuada e do Projeto Político-Pedagógico de cada escola.

O Projeto Político-Pedagógico deve ser elaborado com a participação de todos os segmentos da escola, para que todos definam o tipo de sociedade e o tipo de cidadão que pretendem formar. Conforme afirma Veiga (1995, p. 15):

Para que a construção do Projeto Político-Pedagógico seja possível não é necessário convencer os professores, a equipe escolar e os funcionários a trabalhar mais, ou mobilizá-los de forma espontânea, mas propiciar situações que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente.

Através da construção participativa e coletiva do Projeto Político-Pedagógico é que se dá o verdadeiro conhecimento por parte de cada professor da escola em que atua. Sendo assim, se ele conhece realmente a escola em que desenvolve sua prática, pode ser um Gestor Escolar. Contudo, não basta para ser gestor ter um

conhecimento restrito a sua escola, mas sim de toda a sociedade e muito mais, um conhecimento de mundo, adquirido através de boas leituras, cursos e, principalmente, da vontade política de trabalhar para a melhoria na qualidade do ensino.

Mediante a constatação dessa realidade, cabe aos profissionais de educação, através do conhecimento, buscar novas estratégias para a transformação dessa realidade.

Dentro de uma perspectiva pautada no ser humano, começa a surgir um novo olhar para a educação: os professores gestores. Estes se caracterizam por serem profissionais que entendem a escola em sua totalidade, têm vontade de prover a mudança e possuem a capacidade de refletir sua prática e trabalhar coletivamente. Dentro dessa perspectiva, Libâneo (2001) ressalta que a gestão democrática não deve ficar restrita ao discurso da participação e às formas externas: as eleições, as assembléias e reuniões. Ela está a serviço dos objetivos do ensino. Além disso, a adoção de práticas participativas não está livre de servir à manipulação e ao controle do comportamento das pessoas. As pessoas podem ser induzidas a pensar que estão participando quando, na verdade, estão sendo manipuladas por interesses de grupos, facções partidárias.

Todas essas transformações, regadas de muita ideologia, abrem espaço para a discussão de temática importante dentro da escola. Dentro desse olhar, pode-se notar que o homem passa a ser visto como centro do processo educativo, sendo que este deve ser respeitado e entendido como ser dotado de racionalidade e emocionalidade. Dentro dessa reflexão as professoras da escola pesquisada, como já citado anteriormente, acreditam ser importantes as emoções dentro do universo escolar.

As professoras da equipe de gestão, quando indagadas a respeito do ambiente escolar enquanto prazeroso ou não, e qual seria a sua percepção em relação às expectativas dos professores, funcionários, alunos e comunidade, responderam que acreditam que, de forma geral, a comunidade escolar encontra-se satisfeita com o ambiente escolar, mas estas mencionaram que este ambiente é uma construção coletiva e ao mesmo tempo muito pessoal, portanto encontram como alternativa construir junto com o corpo docente um tema gerador para a escola, que funcione como um mecanismo de motivação e promoção da união com

toda a comunidade, valorizando a vida de todos os seus integrantes, como descrevem as respostas a seguir:

Imagino que em uma escola onde todos sejam iguais e felizes o objetivo do nosso trabalho será muito melhor. Portanto partimos com o tema: Encanto pela vida (professora E, grupo 2).

Temos uma equipe que se reúne nas festas e nas tarefas difíceis (professora G, grupo 2).

Já quando questionadas se acreditam colaborar para a construção de um ambiente prazeroso à comunidade que a escola atende, as professoras responderam que,

Acredito que sim, pois temos uma equipe com pessoas comprometidas, com o trabalho, com nossa filosofia e buscamos um trabalho unido, todos procuram fazer com que todos se sintam bem na escola (professora E, grupo 2).

Sim, estamos sempre preocupados em receber bem os pais, os alunos, os colegas; (...) (professora G, grupo 2).

Segundo as professoras, se estas procuram construir um ambiente prazeroso e sentem que a comunidade se sente bem na escola, a pesquisadora questionou quais as estratégias para a construção desse ambiente e para a manutenção dessa motivação, em relação a essa questão as professoras expressaram:

Encontros para discussão, festas, confraternização, propostas que são construídas juntas (professora F, grupo 2).

Otimismo, alegria e companheirismo. Ambiente alegre. Escola bem estruturada (dentro do nosso limite). Saber ouvir as pessoas que nos procuram. Trabalho democrático, harmonioso e fraterno (professora E, grupo 2).

Como afirma Freire (2001, p. 2), “Ouvir com atenção a quem nos procura, não importa seu nível intelectual, é dever humano”.

Diante das respostas retornadas, através dos questionários, pude perceber que a escola está comprometida com o entendimento em refletir acerca das emoções dentro do universo escolar, embora às vezes encontre dificuldade em trazer para a prática ideais onde o aluno ou qualquer membro da escola possa ser

entendido como ser dotado de emoções. Mas acredita-se que é o primeiro passo para entender a importância das emoções para o ato de aprender, este que é tipicamente humano, o centro principal da escola.

Mas não se pode deixar de salientar que é através de reuniões para estudo, de confraternizações e outras realizações, que tenham o objetivo de resgatar a autoestima dos professores, para que estes possam adquirir autoconfiança e realizar-se como profissionais, para enfim poder trocar com o aluno experiências e aprendizagens realmente efetivas, pois só se compartilha o que se tem. Se o professor não tem prazer em educar, não conseguirá proporcionar prazer aos seus alunos. A escola deverá ser um lugar onde o indivíduo amadureça, cresça emocional, intelectual e espiritualmente, com prazer (TELES, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões que este estudo proporcionou, passei a me questionar o que realmente seria gestão. Segundo Ferreira (1975, p. 685), gestão significa “administrar ou ato de gerir”. Dentro dessa definição, podem existir várias interpretações. A primeira seria gestar algo de forma autoritária, com o poder centralizado de forma unilateral. Outra forma seria construir democraticamente uma gestão dentro de um processo de participação coletiva.

Analisando essa segunda forma de gestão, não posso deixar de salientar que ela ainda se encontra como sonho utópico, que dentro da escola hoje, possamos construir algo coletivo e com participação total: professores, alunos, funcionários e comunidade. Os professores não podem esquecer que mesmo quem se omite do processo de decisão, também está colaborando de alguma forma para a construção da gestão da escola.

Os gestores educacionais têm um importante papel, na transformação de escola e da sociedade. Mas para enfatizar essa transformação, é necessária a formação de uma consciência política, através do diálogo crítico-reflexivo, partindo do embasamento teórico.

A nova gestão da escola é norteada principalmente pelo princípio da participação. Para isso faz-se necessário que não somente uma pessoa responda pela escola, mas sim, todos os profissionais que nela atuam, cada um entendendo-a em sua totalidade, trabalhando em equipe, na resolução de problemas e na busca das devidas mudanças. Nunca esquecendo que, essa equipe deve ser eleita de forma democrática pela comunidade escolar e nela devem conter elementos de todos os segmentos dessa comunidade. Sendo que a formação dessa equipe, de forma nenhuma descomprometerá todo o restante da comunidade das decisões do contexto escolar.

Acredito que essa concepção de escola deve abranger algumas competências educacionais, onde os gestores devem promover o desenvolvimento

global da criança, do jovem e do adulto, tendo conhecimento para planejar, organizar, avaliar e reavaliar processos didáticos.

A gestão democrática abrange dimensões pedagógicas, administrativas e financeiras, configurando uma ruptura na prática da escola, rompendo e avaliando questões relacionadas a todo o universo escolar.

Para que a escola seja capaz de corresponder às necessidades reais de aprendizagem do homem, primeiramente, deverá entendê-lo como ser dotado de peculiaridades, tais como, além do raciocínio lógico, também dotado de um sistema emocional que possui papel crucial para a sua aprendizagem. Os novos tempos trazem consigo uma nova visão de homem, respeitando suas principais características, seu lado emocional. Como afirma Teles (2003, p. 7) “Os educadores, pais e professores, têm que se unir e levarem a sério o trabalho titânico de promoverem a sua própria reforma, antes de iniciarem a educação de um novo ser”.

Para que as crianças aprendam, elas devem ser compreendidas de forma total (parte racional e emocional), cabe a nós então questionar: se a escola está fechada em padrões tão tradicionais, onde está o lugar para a alegria, a emoção e sensação de prazer?

Incumbe aos professores começarem a agir como seres humanos e passarem a entender não somente da totalidade da escola, mas, principalmente, a totalidade que envolve o maior foco: os alunos, suas necessidades e emoções. Como afirma Teles (2003, p. 6), “Um indivíduo que sente, pensa, age, ama e aprende a tornar-se mais humano, compreensivo, amoroso e bondoso”, e é somente esse indivíduo que pode promover na sociedade uma mudança realmente significativa.

Para que a educação decole de forma realmente efetiva, basta aos professores serem capazes de se colocar dentro do universo de seu educando para assim entender o que realmente se passa com ele, gerando um ambiente que os motive, para que tenham prazer em estar na escola e em realizar seu principal papel que é o de ensinar e aprender para ambos os lados.

Ser gestor é entender a escola em toda sua totalidade, então passo a questionar, ser professor não será ser gestor? Claramente afirmo que sim, que embora dentro da escola cada professor desempenhe uma função, todos os

membros que compõem o universo escolar devem entender a escola em sua totalidade. Cabe a cada membro da comunidade escolar colaborar para a construção de uma escola de forma coletiva, para que esta possa corresponder às necessidades de todos e, assim, possa contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Analisando a instituição escolar e suas condições atuais, podemos perceber que a falta de condições financeiras, proveniente da falta de vontade política com a educação, acarreta muitos problemas. Entre eles os baixos salários dos profissionais da educação, a estrutura precária na escola. Estes são as principais causas do desânimo que tomou conta dos profissionais da educação em nosso país. Devido à baixa remuneração, os professores acabam por acumular carga horária de até 40 horas semanais, gerando um excesso de trabalho que, por sua vez, resulta em um trabalho descontextualizado, pois, em sua grande maioria, os professores trabalham em duas ou mais escolas com realidades completamente diferentes. Como explica Oliveira (2000, p. 168):

A desvalorização progressiva do salário do professor, aliada à perda do poder aquisitivo da classe média, faz com que as professoras aumentem sua jornada de trabalho, para que as necessidades de consumo tornem-se acessíveis. A partir daí o magistério não representa mais uma profissão assalariada e sim um sacerdócio, uma doação.

Aliado a questões dos baixos salários e suas conseqüências, está o problema da falta de estrutura na escola, tanto de material humano, como de equipamentos nas salas de aula, de tecnologia avançada para a aplicação de novas metodologias de trabalho.

É possível perceber que por falta de condições financeiras, o professor, na maioria das vezes, não pode investir na sua formação, não tendo condições de ter acesso a bons livros, a freqüentar teatros, escutar bons CDs, nem ter acesso à Internet. E se o professor, que está frente ao aluno, não possui cultura não pode passar cultura para os alunos. Assim como, se não temos motivação e a verdadeira paixão pela construção do conhecimento não podemos passar essa motivação para nossos alunos.

Essa realidade, muitas vezes, faz com que o aluno ultrapasse o professor, pois ele tem acesso à tecnologia no conforto de sua casa e seu pobre professor,

pela conjuntura atual, somente ao antigo método expositivo, com aquele velho livro, o giz e o quadro negro.

Podemos concluir que, se não fizermos nada, o professor será substituído pela tecnologia. Pois se o computador não traz afetividade, hoje o professor também não está usando essa especificidade humana para uma boa aprendizagem, e como a velocidade da Internet é maior, futuramente o computador será o professor.

Por essas razões, os profissionais da educação encontram-se desmotivados, sem ter condições de realizar seu trabalho baseado na afetividade e na emoção de educar, que segundo vários autores é um dos principais agentes da aprendizagem. Assim como coloca Antunes (2001, p. 31). “A verdadeira aula é um nobre ato. O ato pedagógico é um ato de amor”. Reafirmando que a educação se caracteriza por um ato de amor, Freire (2002, p. 104) diz que “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

Sem dar a devida atenção ao ser humano como ser que sente, pensa e age, é impossível realizar uma formação realmente significava para a sociedade em que vivemos. Como coloca Teles (2003, p. 29):

Onde não há amor (sentimento), há vazio, há medo. E como ninguém abre as portas dos sonhos que levam o homem ao seu diálogo com a realidade. A arrombar portas e grilhões, voar, a quebrar paradigmas caducos, a aventurar-se.

Se a principal função da escola é despertar nos educandos a vontade de adquirir conhecimentos, como afirma Teles (2003), o aluno deve ser desafiado a buscar as informações e isso deve se transformar em uma fonte de prazer.

Precisamos reintroduzir na escola o princípio de que toda a morfogênese do conhecimento tem algo a ver com a experiência do prazer. Quando esta dimensão está ausente, a aprendizagem vira um processo meramente instrucional. Informar e instruir acerca de saberes já acumulados pela humanidade é um aspecto importante da escola, que deve ser, neste aspecto, central de serviços qualificados. Mas a experiência de aprendizagem implica, além da instrução informativa, a reinvenção e construção personalizada do conhecimento. E nisso o prazer representa uma dimensão-chave. Reencantar a educação significa colocar a ênfase numa visão da ação educativa como ensejamento e produção de experiências de aprendizagem (ASSMANN, 1998, p. 29).

Como já destacado anteriormente, pude perceber que a Escola Edson Figueiredo encontra-se em processo de construção da gestão democrática dentro do seu cotidiano escolar, sendo que se acha atenta não somente a questões relacionadas à tomada de decisão acerca do financeiro, administrativo, organizacional da escola, mas sim com a formação dos seus professores e também com o ambiente em que estes atuam, dentro de uma perspectiva que valoriza as emoções, bem como a alegria e o bem estar do professor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Papirus, 1999.

ANTUNES, Celso. **Marinheiro e professores**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUTRA, Cláudio E.G. **Guia de referências da LDB/96 com atualizações**. São Paulo: Avercamp, 2003.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Novas Fronteiras, 1975.

FISCHMANN, Roseli (coord.). **Escola brasileira**. Temas e Estudos. São Paulo: Atlas, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Caderno Pedagógico 2 – Semana Paulo Freire – Agosto 2001**.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. 43 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

JERSILD, Arthur T. **Psicologia da criança**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização da gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Estórias da educação no Brasil: de Pombal a Passarinho**. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasília, 1997.

LIMA, Sueli A. de S. Gestão da escola: uma construção coletiva. In: CASTRO, M.L. et. al. **Sistemas e instituições: repensando a teoria e na prática**. Porto Alegre: EDPU CRS, 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ODELIUS, Catarina Cecília; RAMOS, Fernanda. Remuneração, renda, poder de compra e sofrimento psíquico do educador. In: CODO, Wanderley (org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Vânia F. de. Magistério: profissão feminina. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de (org.). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: UNIJUÍ, 2000. 161-176.

PILETTI, Nelson. **História da educação no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**. A organização Escolar. 13. ed. Campinas: Autores Associados, 1993.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **O gestor educacional de uma escola em mudança**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SNYDERS, Georges. **Alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Educação sem fronteiras**. Cuidando do ser. Petrópolis: Vozes, 2003.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político Pedagógico: uma construção possível. In: VEIGA, Ilma Passos (org.). **Projeto político-pedagógico: uma construção possível**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

<<http://www.pedagogiaemfoco.com.br>>.

<<http://www.terra.com.br/cgi-bin/indexframe/>>.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES – Grupo 1

1. Quando você ingressou no magistério? Qual a sua formação?
2. Fale-me um pouco de sua trajetória profissional. Por que você escolheu essa profissão?
3. Qual é o significado da palavra prazer?
4. Na tua vida o que te dá prazer?
5. Qual o papel ou a importância dessa “sensação” para você?
6. Você encontra prazer em sua profissão? E em estar na sua Escola?
7. Em quais atividades ou momentos você sente e não sente prazer em relação a escola?
8. Acha que existe um ambiente prazeroso em seu ambiente de trabalho? Se existe como ele é construído?
9. Caso ainda não exista, o que ainda falta na sua escola para que esta se torne um ambiente prazeroso ou melhorar o que já existe?
10. Em sua sala de aula, em relação a seus alunos, você encontra prazer (na relação professor aluno, bem como no dia-a-dia da sala de aula)?
11. Você sente que proporciona uma aula ou um ambiente prazerosos para os seus alunos?
12. Você sente que seus alunos têm prazer pelo ato de aprender na escola? Você acredita que essa emoção seja importante para a aprendizagem?

ANEXO B - QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES DA EQUIPE DE GESTÃO – Grupo 2

1. Quando você ingressou no magistério? Qual a sua formação?
2. Fale-me um pouco de sua trajetória profissional. Por que você escolheu ser professor?
3. Por que você escolheu ou aceitou fazer parte da equipe de gestão da escola?
4. Qual é o significado da palavra prazer para você?
5. Na sua vida o que te dá prazer?
6. Qual o papel ou a importância dessa “sensação” para você?
7. Você encontra prazer em sua profissão? E em estar na sua Escola?
8. Em quais atividades ou momentos você sente e não sente prazer em relação à escola?
9. Acha que existe um ambiente prazeroso em seu ambiente de trabalho? Se existe como ele é construído?
10. Caso ainda não exista, o que ainda falta na sua escola para que esta se torne um ambiente prazeroso ou melhorar o que já existe?
11. Nas suas atividades de gestão como você percebe essa questão dentro da escola, frente aos professores, alunos, funcionários e comunidade?
12. Você e sua equipe sentem que proporcionam um ambiente prazeroso para o corpo docente da escola? E para os alunos, funcionários e comunidade?
13. Quais as estratégias para a construção ou manutenção desse ambiente dentro da escola?
14. Você, enquanto professor e integrante da equipe de gestão, acha importante a sensação de prazer para o ato de aprender, principal finalidade da escola?